

Juan Sourrouille
Div. Externa

As duas falhas do Plano Baker

por Celso Pinto
de Buenos Aires

GAZETA MERCANTIL

13 DEZ 1985

As duas falhas do Plano Baker

por Celso Pinto
de Buenos Aires
(Continuação da 1ª página)

que um simples aumento de 2,5% nos juros norte-americanos faria desaparecer os recursos do Plano Baker. Tal como está, o plano limita-se a discutir a criação de um mecanismo de reciclagem da dívida. Se a intenção é, de fato, abrir uma nova etapa para os devedores, seria indispensável discutir, também, a questão dos juros.

Este será um dos temas dominantes na reunião dos devedores latino-americanos do "Grupo de Cartagena", no início da próxima semana, em Montevideu. Sourrouille evitou adiantar se desta reunião sairão propostas concretas contra flutuações dos juros, mas sabe-se que é exatamente sobre isto que estão trabalhando argentinos, brasileiros e mexicanos, desde ontem.

Nesta questão, aliás, existe absoluta identidade entre os discursos dos governos brasileiro e argentino, resultado de um longo e estreito período de contatos entre os ministros Funaro e Sourrouille e os presidentes Sarney e Alfonsín.

A segunda dúvida da Argentina, ligada à primeira, é sobre a garantia de recursos líquidos que financiem a retomada do crescimento. Como disse Sourrouille, nesta questão misturam-se os problemas da "condicionalidade e da adicionalidade".

Não está claro, ainda, se a adesão ao Plano Baker

programas com o FMI. Se for assim, é preciso resolver um evidente conflito de interesses. A Argentina comprometeu-se junto ao FMI a manter seu déficit público ligado estritamente à parcela financiada externamente, via déficit em transações correntes. Neste ano, seria 2,5% do PIB, comparados a 10% no ano passado. Esta foi uma forma de evitar, formalmente, que o governo voltasse a financiar o déficit público via emissão ou financiamento interno.

AUMENTO

O problema é que não há como pensar numa retomada de investimentos internos, e, portanto, do crescimento, sem imaginar um aumento das importações. Isto traria um aumento do déficit em transações correntes, que seria financiado exatamente pelos recursos adicionais do Plano Baker. Só que, com isto, também o déficit público subiria. Na prática, o governo argentino já começou a enfrentar problemas com o FMI ao iniciar a discussão de programas concretos de financiamento com o Banco Mundial (BIRD). O que o BIRD considerou excelente do ponto de vista de ajuste estrutural de longo prazo o FMI vetou olhando as contas do déficit público no próximo ano.

Ora, diz Sourrouille, um ingresso externo de recursos que venha apenas elevar o volume das reservas acabará resultando em demandas dos bancos credores por pagamento de juros

para o qual o plano foi oficialmente criado.

As colocações de Sourrouille provavelmente antecipam o tom central das discussões do "Grupo de Cartagena".

Para a Argentina, o financiamento externo é essencial para viabilizar a continuidade do programa econômico. Mas não é o único problema.

Sourrouille fez o que chamou de uma "avaliação cautelosamente otimista" dos primeiros seis meses de Plano Austral, que se concluem amanhã. Alguns dos objetivos primordiais, disse ele, foram cumpridos. Além de um corte drástico na inflação, o plano permitiu a retomada do diálogo externo e a eliminação de US\$ 3 bilhões em atraso junto aos bancos internacionais. Da mesma forma, foi possível restabelecer um equilíbrio fiscal: o Tesouro, que no início do ano recebia mensalmente menos da metade do que gastava, hoje é superavitário. Em consequência, o déficit público já caiu de 10% do PIB para cerca de 3%.

Outro ponto importante lembrado por Sourrouille foi a recuperação da capacidade de condução da política monetária. Com a hiperinflação, era impossível fazer uma política monetária ativa. Desde o Plano Austral, houve uma forte remonetização da economia: os meios de pagamento duplicaram em pouco tempo, enquanto a velocidade de circulação da moeda caiu pela meta-

desde o início do plano com o mercado negro de mercadorias. O nível de atividades econômicas, que havia entrado em forte queda desde o final do ano passado, chegou ao fundo do vale em julho. Desde então, houve recuperação, e, hoje, já chegou a níveis semelhantes ao do final do primeiro trimestre do ano. O mesmo tem acontecido com o nível de emprego.

De toda forma, os desafios pela frente são garantir a continuidade da estabilidade de preços e a retomada do crescimento econômico. Para a estabilidade, é preciso sucesso no processo de descongelamento de preços e salários. Esse processo, que Sourrouille chama de passagem do congelamento para a "participação responsável", depende do sucesso, em grande parte político, das discussões da "conferência econômica e social", que devem começar na próxima semana.

Nessa conferência, da qual participam o governo, lideranças sindicais e empresariais, pretende-se traçar uma política de rendas para 1986 que embute ajustes de preços e salários relativos, em termos setoriais, mas limitando seu impacto sobre o nível geral de inflação.

Sourrouille não disse, mas sabe-se que a idéia é negociar com os maiores grupos industriais acordos globais que incluam vantagens e incentivos para o investimento e a exportação, em troca de uma política

Mercados 18 e 19
Administração 20
e Serviços 20
Legislação 20
Insolvências 20

(Ver página 8)
rentes da subsidiária bras-
leira Manoel Camero. "Há
um peso bom: a GE preten-
de investir mais, inclusive
no Brasil", salientou.

ta fusão irá acelerar um
processo que fez com que a
GE se tornasse uma das
maiores presenças no setor
de serviços de tecnologia.
Na verdade, nos últimos
cinco anos, as áreas de ser-
viços e de tecnologia cres-

As duas companhias des-
creveram a fusão como
"uma excelente oportuni-
dade estratégica para am-
bas as empresas, que irá
auxiliar a melhorar a com-

A questão dos juros é central, segundo Sourrouille, porque pode comprometer o próprio alcance do plano. A proposta do secretário do Tesouro norte-americano, James Baker, prevê um aumento na oferta de recursos novos a um grupo de quinze grandes devedores, da ordem de US\$ 29 bilhões em três anos, dos quais US\$ 20 bilhões dos bancos privados e o restante de organismos multilaterais.

O objetivo explícito do plano é garantir um "ajuste positivo" dos devedores, com a retomada do crescimento. Sourrouille lembrou.

(Continua na página 2)